

DESENHO INFANTIL: POSSIBILIDADES DE ENSINO A CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Liane Carvalho Oleques

Possui Bacharelado e Licenciatura Plena em Desenho Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria, Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é doutorando do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Do estado de Santa Catarina, bolsista CAPES. Atuou como professora da disciplina de Artes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Florianópolis.

Resumo: O texto apresenta a proposta de pesquisa no curso de Pós-Graduação em Artes Visuais. Por meio de estudos referentes ao desenho infantil e métodos utilizados para o ensino do desenho a crianças cegas, o objetivo da pesquisa é criar e aplicar proposições para o ensino de desenho a crianças com deficiência intelectual, considerando a importância deste para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Para o aporte teórico deste trabalho serão utilizados autores que tratam da ligação entre desenho, comunicação e cognição como Duarte, Luquet, Wallon e Vigotski, bem como autores que subsidiaram no tocante a educação, arte e deficiência como Reily.

Palavras-chaves: desenho infantil, cognição, deficiência intelectual.

DESSIN D'ENFANTS: POSSIBILITÉ DE FORMATION POUR LES ENFANTS DEFICIENCE INTELLECTUALLE

Sommaire: Le document présente les travaux proposés dans le Graduate de cours en arts visuels. Grâce à des études liées à l'élaboration et méthodes pour enseigner le dessin aux enfants aveugles des enfants, l'objectif de la recherche est de créer et mettre en œuvre des propositions pour l'enseignement du dessin des enfants ayant une déficience intellectuelle, compte tenu de l'importance de cela pour le développement moteur et cognitif de l'enfant. Les auteurs théoriques de ce travail seront utilisés pour aborder le lien entre la dessin infantile, la communication et la cognition comme Duarte, Luquet, Wallon et Vygotski, ainsi que des auteurs qui ont soutenu en matière d'éducation art et handicapées comme Reyli.

Mots-clés: dessin infantile, cognition, déficience intellectuelle.

Apresento aqui parte do meu projeto de pesquisa - objetivos e conceitos básicos – destinado ao curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Assim como já relatei em trabalhos anteriores minha trajetória com o desenho infantil surgiu juntamente com a docência, vindo a me encaminhar no âmbito da deficiência e suas implicações no desenvolvimento da produção gráfica. O projeto que apresento neste texto já vem sendo parcialmente desenvolvido como plano de aula desde os anos

anteriores na disciplina de Arte a qual ministrei na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Florianópolis. Porém, senti a necessidade de desenvolvê-lo como um projeto de pesquisa, amparando-o teoricamente e de forma mais adequada dando continuidade na pesquisa que havia começado. Em artigos anteriores já expus, de forma parcial alguns resultados obtidos no transcorrer dessas aulas, acredito que eles serão importantes dados para encaminhar a pesquisa quando necessário. Assim, descrevo aqui, além do embasamento teórico que me subsidia e que será ampliado, inúmeras questões que decorreram das minhas primeiras experiências.

Considerando, portanto, minha trajetória como professora de artes nesta instituição, foi possível observar o grande número de alunos com idade avançada e com dificuldade para desenhar e compreender esquemas gráficos, bem como formas mais simples. Desta maneira surgiam algumas questões que me levaram a tentar compreender alguns motivos desta dificuldade. Esta dificuldade está relacionada a uma deficiência cognitiva ou motora? Ou estes alunos não foram estimulados ou ensinados a desenhar na infância?

Partindo desta perspectiva o problema da investigação organiza-se em algumas questões: É possível que uma criança com deficiência intelectual aprenda a desenhar? Como ensinar crianças com deficiência intelectual a desenharem? Como é compreendida a elaboração do desenho no plano mental na presença de um comprometimento cognitivo?

Considerando a importância do desenho para o desenvolvimento motor e cognitivo o projeto em questão tem como finalidade ampliar e organizar proposições e estratégias de ensino para a compreensão e aproximação do desenho para crianças com deficiência intelectual, atendidas pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Florianópolis. A necessidade de realização de um projeto de cunho metodológico partiu no momento em que comecei a perceber que grande parte dos meus alunos, entre eles alunos adultos sem comprometimento motor, encontravam-se nas primeiras fases do desenho infantil como as garatujas. Pode-se relacionar esta realidade ao fato destes alunos pouco terem exercido ou desenvolvido esta prática, além do comprometimento intelectual. Já compreendendo aspectos do desenho infantil, foi possível observar a atividade gráfica destes alunos com maior atenção, surgindo inúmeras questões as quais motivaram a elaboração de um projeto que contemplasse o ensino do desenho e crianças com deficiência intelectual. É possível que crianças com deficiência intelectual

aprendam a desenhar e dar sentido e significado aquilo que traçam, independente do nível de seus comprometimentos? Como possibilitar este aprendizado? Essa investigação, também, tenta preencher uma brecha, pois ainda é possível notar a escassez de trabalhos e pesquisas sobre o desenho de pessoas com deficiência intelectual.

Trilhando um caminho acerca da construção do desenho

Compreender como se estabelecem os processos intrapsíquicos tornam-se necessário à compreensão do desenho infantil. Para tanto, reconhecer que o pensamento se estrutura de forma multimodal, ou seja, pelas diversas modalidades sensoriais, é compreender que a falta de um sentido ou um comprometimento intelectual pode trazer implicações nos processos cognitivos e conseqüentemente, no modo com a criança se relaciona com o mundo.

No âmbito do desenho infantil, a cognição, a percepção sensorial e a memória são encontradas no trabalho de Duarte, amparada por autores como Darras e Luquet. A autora compreende o desenho, inicialmente, em sua elaboração no plano mental como uma ponte entre os objetos e suas representações bidimensionais. Encaminhando sua pesquisa aos processos cognitivos alusivos ao ato de desenhar, Duarte delinea um caminho segundo o pensamento de Bernard Darras que prevê o desenho em um âmbito comunicacional.

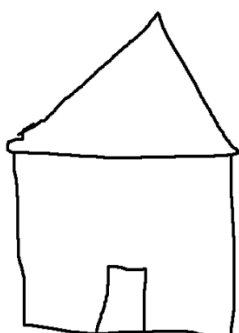
Duarte busca compreender as generalizações configuracionais que aparecem no desenho da criança como maneira de identificá-lo ou caracterizá-lo. A autora interpreta o desenho infantil como um *esquema gráfico* estabelecido pela criança como uma sintaxe visual dos elementos mais relevantes da imagem a ser grafada, assim como coloca Duarte (DUARTE, 2008-b, p. 1290): “Os esquemas gráficos são representações simplificadas e generalizantes dos objetos do mundo”.

Deste modo, é possível compreender o desenho infantil dentro do âmbito onde a criança ao desenhar estabelece relações de generalização com o objeto a ser representado. Assim, estes objetos são sintetizados de forma que a criança representa, apenas, num primeiro momento, suas características mais gerais e significativas.

Do mesmo modo, Georges-Henri Luquet (1969) aborda questões como o *Realismo Intelectual* que permite à criança realizar uma configuração gráfica ou um

“resumo” do objeto representado, contemplando suas formas mais significativas ou funcionais. Duarte (2007) propõe que as concepções de realismo para Luquet estão atreladas ao fato de a criança desenhar aquilo que sabe do objeto. Dependem de suas interações com aquele, ou seja, um desenho análogo a tal objeto é aquele que traduz o que a mente da criança sabe acerca dele, interligando-se, neste caso, ao *Realismo Intelectual*. Nas palavras de Duarte (2007, p. 171): “Trata-se de diferenciar uma realidade visual de uma realidade que se poderia, talvez, denominar também *conceitual*.”

Darras (1998), também discorre sobre esta questão quando afirma que este modo de desenhar, conservando e salientando características gerais dos objetos de modo a realizar uma simplificação, pode ser chamada de *resumo cognitivo*. Deste modo, algum tipo de desenho produzido por um indivíduo pode ser repetido inúmeras vezes ou até mesmo por toda sua vida. São esquemas gráficos ou generalizações configuracionais que estabelecem uma relação comunicacional no nosso cotidiano, como podemos ver nas figuras abaixo.



CASA

Figura 01 – fonte: acervo da autora

Tomando como base estes referenciais teóricos podemos questionar como estes processos se desenvolvem na presença de um comprometimento cognitivo. É possível que estas crianças desenvolvam a mesma capacidade para a generalização das formas?

Como ensinar crianças com comprometimentos cognitivos a desenharem?

Amparada por estes referenciais, Duarte experimenta um método de ensino de desenho a crianças cegas. Esta metodologia tem por base estudos que dão à motricidade

importância fundamental no funcionamento cerebral. “A memória motora permite a nós humanos e a várias espécies do reino animal a antecipação e a regulação de ações.” (DUARTE, 2008, p. 17). Nas palavras da autora, a imitação sensório-motora seria como um agente similar à imitação visual. Tendo por base os estudos de Damásio entre outros autores da neurociência, Duarte constrói uma rede conceitual sobre a formação de imagens mentais, justificando sua metodologia.

Acerca da formação de imagens mentais Antônio Damásio (2000) aborda a construção de imagens na mente a partir de modalidades sensoriais e não apenas imagens visuais e estáticas. Damásio esclarece que as imagens mentais se constituem de modalidades que vão além do sentido da visão, acrescidas de várias outras modalidades sensoriais como audição, gustação, tato, olfato e somatossensoriais, contrariando as expectativas de que o pensamento é formado apenas pela visão ou língua oral. Desta forma, todo o processo intrapsíquico é estabelecido por meio de uma combinação e ajustamento de imagens mentais, gênese das modalidades perceptivas. Ao pensarmos no objeto cadeira, dentre as inúmeras cadeiras que farão parte de nosso pensamento, virão algumas mais particulares, das quais nos lembraremos, através do cheiro da madeira ou do confortável estofado.

As imagens são construídas quando mobilizamos objetos de fora para dentro do cérebro – afirma o autor. Nossa mente depende e está constantemente arraigada por imagens que podem ser constituídas de imagens auditivas, visuais ou somatossensoriais. Assim, ao lembrarmos do objeto cadeira, além de associarmos a palavra correspondente, é possível que nos venha uma série de cadeiras no pensamento, gerais ou particulares, de acordo com as conexões estabelecidas pelas modalidades sensoriais; todavia, boa parte destas imagens contam com acento, encosto e quatro pés. E são estas características mais gerais que serão usadas para representarmos graficamente este objeto.

Neste sentido, Duarte ao criar uma metodologia de desenho para crianças cegas, aponta para a possibilidade de desenhar e memorizar a ação motora do traçado tendo como base as diversas modalidades de percepção da memória. Duarte cria três etapas que subsidiam o método: reação, repetição e imitação. Na reação a criança acompanha o traçado da figura sobre a mão do modelo para perceber o movimento realizado. Na repetição o movimento é repetido, é um modo de relembrar o gesto iniciado buscando a correção, a exatidão. O procedimento de imitação demanda a aprendizagem das etapas

anteriores, a criança seria capaz de realizar o traçado da linha que estivera em aprendizagem. “Nesta etapa, considero que a criança já terá realizado representações mentais tanto da operação sensório-motora, da sequência do traçado, quanto da linha ou figura desenhada.” (DUARTE, 2008, p. 22). Segundo a autora a imitação ganha uma atenção especial nesta trajetória, pois se pretende que a criança deixe de lado o modelo e promova uma ação inteligente com base no que foi aprendido, associando ou modificando de acordo com suas intenções.

Seguindo esta perspectiva, pretende-se organizar estratégias e proposições de ensino de desenho que ampare a dificuldade que crianças com algum comprometimento intelectual têm em desenvolver um repertório gráfico consistente, ampliando-o e permitindo melhor entendimento das relações semióticas estabelecidas no mundo. Neste sentido, proporcionar espaços de problematização de imagens e práticas das Artes Visuais.

Deficiência intelectual e o desenvolvimento gráfico – algumas considerações teóricas e metodológicas da pesquisa

A motivação para elaborar um projeto que contemplasse o ensino do desenho a criança com deficiência intelectual foi salientada pelo fato de grande parte de alunos adultos atendidos pela APAE de Florianópolis encontrarem-se nas primeiras etapas do desenho infantil como as garatujas ou realismo fortuito – considerando as etapas de Luquet. Alguns objetivos específicos nortearam o desenvolvimento desta pesquisa como: buscar compreender o desenho destas crianças, bem como ensiná-las a desenharem, ou seja, a dar significado e sentido a suas grafias, a comporem suas produções gráficas de forma organizadas no papel, proporcionando a criação de repertórios imagéticos a partir do desenho; ampliar as relações semióticas construídas no desenho e auxiliar o desenvolvimento e amadurecimento da linguagem por meio do desenho.

Partindo deste princípio percebeu-se a necessidade da criação de um plano de ensino que possibilitasse ao educando ainda criança, a compreensão e apreensão das formas dos objetos por meio da observação e experimentação pelo tato. Pretende-se que através de formas tridimensionais e da imitação motora das linhas do desenho, posteriormente este aluno seja capaz de compor de maneira organizada no plano

bidimensional. Considero que este tipo de iniciativa seja um elemento catalisador no avanço da linguagem do educando, dando sentido e significação por meio da generalização, por conseguinte, melhor compreensão ao mundo e seus contextos. Este, talvez seja o principal benefício desta iniciativa. Reily (2004) discorre acerca desta questão quando afirma que os signos permeiam nossa linguagem. No caso de pessoas com deficiência intelectual é necessário criar acesso ao sentido e significado dos signos, por meio de um *veículo acessível ao deficiente*.

Para Vygotsky, proponente maior da abordagem sociocultural, não são os instrumentos propriamente, nem os símbolos, que importam e, sim, os sentidos que eles possibilitam transportar. Como o homem não age sem ser por meio de um veículo sóico, no caso da educação especial, é preciso garantir acesso ao sentido por intermédio de um sistema portador, um veículo, acessível ao deficiente, considerando o que ele é capaz de realizar. (REILY, 2004, P. 13)

Patrocínio e Leite (2000), no artigo *O desenho e suas relações com a linguagem escrita em portadores de deficiência mental* trazem importantes considerações acerca do desenvolvimento do desenho e da escrita em crianças com deficiência. Amparadas por Reily, afirmam que desenho e escrita mantêm estreita relação “(...) determinados por habilidades próximas de motricidade e pensamento simbólico” (Patrocínio e Leite, 2000, p. 04).

Se o pensamento simbólico, abstrato ainda não é uma constante na maioria das crianças com deficiência cognitiva, é preciso criar estratégias de ensino para facilitar estas relações. Ainda subsidiadas por Reily as autores explicam que é muito difícil que as crianças com deficiência cognitiva cheguem ou, principalmente, ultrapassem a fase dos desenhos esquemáticos, principalmente quando não há oportunidades adequadas para este desenvolvimento se estabeleça.

A criança não passa diretamente do rabisco ao homem cabeça – pernas. Ela desenvolve do rabisco descontrolado ao rabisco controlado (...). A criança deficiente (...), pode ficar muito tempo nesta fase dos rabiscos e, se o professor não conhece a evolução que acontece nesta fase, ele não vai saber reconhecer o desenvolvimento que a criança está tendo. (Patrocínio e Leite, 2000, p. 04)

Um comprometimento intelectual pode dificultar a representação gráfica de modo generalizante, considerando a presença de dificuldades em relação à linguagem? A capacidade de produzir imagens é subsidiada pela experiência com os objetos relacionada ao sentido e ao significado que estabelecem. O fato das crianças terem

deficiência intelectual, possivelmente, dificulta a representação gráfica de modo generalizante, visto que elas apresentam dificuldades em relação à linguagem. As reflexões apresentadas até agora denotam considerar o desenho infantil como uma prática complexa e não como um exercício automático ou como uma representação ingênua e aleatória, destituída de significação e objetivos. As pesquisas, sobre desenho infantil, com crianças com necessidades especiais, vêm ampliando os estudos nesta área de maneira relevante. Embora esta pesquisa esteja iniciando, ele lança luzes de observação e de entendimento sobre a produção gráfica num contexto de deficiência intelectual. Tendo em vista, o número reduzido de pesquisas na área que contemplam desenho infantil e deficiência intelectual, esta pesquisa, também, permite desvelar os modos de desenhar e conhecer o mundo dessas crianças.

Pretende-se desenvolver esta pesquisa utilizando a Abordagem Qualitativa. As investigações qualitativas, não aceitam regras fechadas, em função da sua diversidade e flexibilidade. Segundo Ludke (1986) a pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento principal. Além disso, supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Considerando a pesquisa com um grande número de crianças com deficiência intelectual mostra-se apropriado o estudo de caso múltiplo que segundo Yin utiliza-se da lógica da replicação, ou seja, prever resultados semelhantes ou, ao contrário, contrastantes, permitindo uma análise profunda do problema, bem como, comparativa dos diversos casos. A seleção dos casos será realizada a partir da viabilidade de acesso ou indicação. Tem-se a intenção de optar por crianças com diferentes idades e com diferentes níveis de comprometimento intelectual, porém sem comprometimentos motores e inicialmente alfabetizadas.

Neste sentido, quanto aos procedimentos utilizados serão necessários organizar e articular a proposta e planos semanais, articulando-os com as necessidades de cada participante se necessário. O diário de campo e a entrevista semi estruturada também constituem uma boa ferramenta no auxílio direto da coleta. A observação participante permitirá que o pesquisador apreenda dos participantes tudo o que lhes é significativo por meio de observação e interlocuções. A coleta se constituirá de encontros semanais, onde serão recolhidos os desenhos das crianças, gravações de vídeo que captem a ação da criança e seu processo comunicacional durante o ato de desenhar. Nesse sentido a

pesquisa encontra-se em fase inicial com o recolhimento e fichamento dos dados obtidos.

REFERÊNCIAS:

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARRAS, Bernard. A imagem, uma visão da mente. Estudo comparado do Pensamento Figurativo e do Pensamento visual. In: *Recherches en communication*. Paris, França, n.9, 1998. Tradução de Maria Lúcia B. Duarte.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. O Desenho do Pré-Adolescente: Características e Tipificação. Dos Aspectos Gráficos à Significação nos Desenhos de Narrativa. **Tese de Doutorado**. São Paulo: ECA/USP, 1995.

_____. A concepção de “realismo” em George-Henri Luquet. **Anais do 16º Encontro Nacional da ANPAP**, Florianópolis: UDESC, 2007. p.167-172.

_____. A imitação sensório-motora como uma possibilidade de aprendizagem do desenho por crianças cegas. **Revista Ciência e Cognição**, Vol. 13 (2): 14 – 26, 2008-d. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>

_____. Sobre o desenho infantil e o nível cognitivo de base. **Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP “Panorama da Pesquisa em Artes Visuais”**. Florianópolis, 2008-b. p. 1283-1294. <http://www.anpap.org.br/2008/artigos/117.pdf>

_____. Desenho infantil e aprendizagem – novos parâmetros. **Anais do Congresso ibero-americano de Educação Artística**, Portugal, 2008-c.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo; EPU, 1986.

LUQUET, Georges-Henri (1927). **O desenho infantil**. Porto: Ed. Do Minho, 1969.

OLEQUES, Liane Carvalho. (2010) Análise do repertório gráfico de uma criança não ouvinte: a surdez e suas implicações no desenho infantil. **Dissertação de Mestrado**. PPGAV/CEART/UDESC, 2010.

PATRICINIO, Wanda Pereira & LEITE, Luci Banks. **O desenho e suas relações com a linguagem escrita em alunos portadores de deficiência mental**. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

REILY, Helena Lucia. Retratos urbanos de deficiência. In: **Inclusão, Práticas pedagógicas e trajetórias da pesquisa**. Org. Denise M. de Jesus, Claudio Roberto

Baptista, Maria Aparecida Santos C. Barreto e Sonia Lopes Victor. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007. P. 220 – 232.

REILY, Helena Lúcia. **Escola inclusiva: Linguagem e mediação**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento. Ensaio de psicologia comparada**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.